

ARTIGO ACADÊMICO: ESPAÇO DE POSICIONAMENTOS E NEGOCIAÇÕES

Cibele Gadelha Bernardino
Universidade Estadual do Ceará
Brasil
Cgbernardino@uol.com.br

Sinopse

Este artigo é resultado de uma pesquisa mais ampla cuja questão central diz respeito a como os pesquisadores constroem seus posicionamentos e suas interações em artigos experimentais e artigos teóricos da área de Linguística. Os resultados apresentados advêm de um momento desta pesquisa no qual me dediquei a reconhecer, mapear e analisar os marcadores de atenuação e ênfase (Hyland, 2000) que, de forma mais relevante, constroem significados interpessoais de posicionamento e interação do pesquisador-autor na produção de exemplares de artigos experimentais e de artigos teóricos (Swales, 2004).

Palavras-chave

Linguística; Atenuação; Ênfase

Abstract

This paper presents some partial results of a larger research whose principal question deals with how researchers construct their positionings and interactions in both theoretical and experimental articles within Linguistics scientific field. The analysis stems from one moment of my research in which I sought to recognize, map and analyze hedges and boosters (Hyland, 2000), given that they construct interpersonal meanings of positioning and interaction of the researcher-author of the theoretical and experimental articles analyzed in this paper (Swales, 2004).

Key Words

Contextualizando a Pesquisa

São consideráveis os trabalhos que, de forma pontual, abordam a construção de significados interpessoais em gêneros acadêmicos. Pode-se citar, entre outros, o trabalho sobre o uso de atenuadores em escrita acadêmica (Crompton, 1997); de hedges e boosters como mecanismos de negociação entre membros de uma área disciplinar (Hyland, 1998); a discussão sobre a pragmática da polidez em textos acadêmicos (Myers, 1999); sobre o uso de atenuadores em artigos de divulgação científica na área de medicina (Varttala, 1999); e o trabalho de White (2003) sobre marcadores dialógicos no texto acadêmico. Temos ainda a importante publicação de Hyland (2000) que será tratada mais detalhadamente adiante. No cenário brasileiro, chamo a atenção para os trabalhos de Figueiredo-Silva (2001) sobre o ensino do uso de atenuadores em escrita acadêmica e de Balocco (2002) sobre o uso de enunciados em primeira pessoa no discurso acadêmico.

Há entre esses autores um importante ponto de interseção no que diz respeito ao discurso científico: a visão de que esse discurso é, antes de tudo, um espaço de construção e negociação de significados mais do que, simplesmente, de apresentação de dados. Para Hyland (2000), por exemplo, as diferenças entre a produção escrita de diferentes áreas disciplinares não estão apenas no conteúdo, mas, principalmente, nas diferentes formas de construir tal conteúdo, nas diferentes formas de estabelecer conhecimento partilhado, nas diferentes maneiras de engajar-se com o leitor, ou diferentes formas de avaliar e modalizar as proposições e estas diferenças são resultantes de forças sociais e institucionais. É importante salientar que o gênero textual é um espaço significativo de interação no qual os membros de uma comunidade disciplinar irão engajar-se, contribuindo para a manutenção e ao mesmo tempo para o processo de inovação dos valores, práticas e crenças dessa comunidade.

Para Myers (1999), por exemplo, o discurso científico envolve a interação entre cientistas cuja manutenção da face é essencial, visto que a constituição desse discurso passa pela construção de alianças e negociações que tendem a buscar aceitação frente à comunidade acadêmica. Hyland (2000) também nos diz que ao publicarem seus textos, cientistas engajam-se em uma rede de associações profissionais e sociais, uma vez que é,

particularmente, através de suas publicações que esses cientistas constroem a credibilidade dos conhecimentos de uma área disciplinar, estabelecem seus sistemas de hierarquia e recompensa e constroem e mantêm sua autoridade cultural. Assim, Hyland (2000) considera que, na academia, os textos produzidos incorporam as negociações sociais da área disciplinar. Sob esse ponto de vista, o autor nos diz que o conhecimento acadêmico é produzido em áreas disciplinares constituídas por normas, nomenclaturas, objetos e objetivos de pesquisa, comportamentos sociais, relações de poder, interesses políticos, constituindo uma cultura disciplinar particular que deve ser apreendida por aqueles que desejam inserir-se em tais áreas. Assim, os gêneros textuais que circulam na comunidade acadêmica constituem um espaço onde tal cultura é construída. É, pois, porque textos são escritos para serem compreendidos em um certo contexto cultural, que a análise de gêneros textuais pode fornecer importantes evidências sobre os valores e as práticas institucionais de uma cultura disciplinar, inclusive sobre as práticas de negociação e disputa de poder entre os membros da academia.

Ainda segundo Hyland (2000), o objetivo central que permeia a produção de gêneros acadêmicos é a busca de aceitação entre os pares de uma comunidade disciplinar. Ou seja, autores, ao publicarem seus artigos, resenhas, livros, etc., não buscam apenas expor suas idéias, mas também agir no sentido de colocar tais idéias em uma posição de respeitabilidade e aceitação frente a seus pares. Ao fazer isso, escritores utilizam, fundamentalmente, na construção de seus textos, recursos léxico-gramaticais vinculados aos significados metadiscursivos da linguagem.

Trabalho fundamental a esse respeito é a publicação de Hyland (2000) na qual o autor analisa o uso de vários recursos léxico-gramaticais marcadores de posicionamento e atitude dos(as) autores(as) em diferentes gêneros acadêmicos. Interessa à minha pesquisa, particularmente, a caracterização que esse autor faz das categorias realizadoras do metadiscorso interpessoal: os marcadores de atenuação (*hedges*), os marcadores de ênfase (*boosters*), os marcadores atitudinais (*attitude markers*), os marcadores relacionais (*relational markers*) e os marcadores pessoais (*person markers*), (Hyland, 2000:111).

Para Hyland, o metadiscorso interpessoal conduz o escritor a expressar sua perspectiva em direção às proposições ou aos leitores. Neste sentido, o metadiscorso está intimamente relacionado ao elemento contextual de relações (*tenor*), pondo em pauta a

proximidade ou distância do autor em relação à audiência e a expressão de atitude e comprometimento do autor em relação às suas proposições. Como já foi apontado, a realização desse metadiscurso se dá, principalmente, por meio dos marcadores de ênfase e de atenuação, dos marcadores relacionais, atitudinais e pessoais.

Os marcadores de atenuação e de ênfase são, para Hyland (1998), estratégias comunicativas utilizadas para atenuar ou ampliar a força das declarações. Sua importância no discurso acadêmico tem conexão com as relações interativas entre autores(as) e leitores(as), recobrando tanto significados epistêmicos quanto afetivos. Ou seja, essas estratégias não somente expressam o grau de compromisso do escritor com a verdade da proposição como também uma atitude em relação à audiência.

Para White (2003), o uso de marcadores modais de probabilidade como *talvez*, *possivelmente* indica que o autor está estabelecendo diálogo com proposições alternativas, ou seja, o autor mostra ao seu leitor que há proposições alternativas ao que está sendo dito no texto.

Já os marcadores de ênfase (*boosters*) como *obviamente*, *claramente*, expressam a convicção dos escritores em relação ao conteúdo da proposição, mas também expressam envolvimento e solidariedade com a audiência, sublinhando o conteúdo proposicional como informação partilhada. A construção desse *status* da proposição proporciona uma significação de pertencimento ao grupo, por parte do autor, e um conseqüente engajamento com seus pares.

Po outro lado, os marcadores de atenuação (*hedges*) como *possivelmente* e *talvez* expressam o enfraquecimento de uma declaração através de uma qualificação explícita do compromisso do(a) escritor(a), mostrando que a informação é apresentada mais como uma opinião do que como um fato. Ou segundo Myers (1989), esses marcadores podem indicar respeito e deferência à visão dos pares da academia.

É importante ressaltar, ainda, que ao limitar seu compromisso por meio do uso de atenuadores, escritores oferecem um valor ao *status* da proposição, atestando o grau de precisão e veracidade que ela carrega. Olhando por outro ângulo, isto quer dizer que o uso de atenuadores (*hedges*) implica que a proposição está baseada sobre argumentos e razões plausíveis mais do que sobre conhecimento fatural. E que, portanto, pode tornar-se objeto de embates e disputas.

Existem, ainda, os *hedges* atributivos (Hyland, 1998:362), tais como *aproximadamente, parcialmente, geralmente, largamente, tipicamente, usualmente*, que diferem dos demais tipos de atenuadores porque se referem ao relacionamento entre elementos proposicionais mais do que à relação entre escritor e proposição. Assim, tais mecanismos limitam o escopo de acompanhamento da declaração mais do que nos falam sobre o grau de certeza do(a) escritor(a).

Enquanto marcadores de atenuação e de ênfase nos mostram o grau de comprometimento, certeza e deferência que os escritores desejam sinalizar em seus textos, os marcadores atitudinais indicam uma avaliação afetiva do escritor, ou seja, se sua atitude em relação ao texto expressa surpresa, avaliação de importância, concordância, etc.

Os marcadores relacionais, por sua vez, são mecanismos que explicitamente dirigem-se aos leitores, tentando focalizar sua atenção ou incluí-los como co-participantes da teia discursiva. Hyland (2000:113) observa que, na prática, é difícil distinguir entre os marcadores relacionais e os atitudinais, uma vez que ambos apresentam implicações relacionais. A maior distinção está em que os marcadores atitudinais são explicitamente direcionados ao escritor e são sinalizados por verbos de atitudes, modalizadores de necessidade e advérbios sentenciais. Já os marcadores relacionais são direcionados à participação do leitor e são sinalizados por pronomes de segunda pessoa, modos imperativo e interrogativo, etc.

Por fim, os marcadores pessoais referem-se ao grau de presença do autor no texto, indicado, principalmente, pelo uso de pronomes de primeira pessoa e por adjetivos possessivos.

Como podemos perceber, o uso de recursos metadiscursivos interpessoais, como os marcadores de atenuação e ênfase, os marcadores atitudinais, relacionais e pessoais é uma importante ferramenta para construir as relações de interação nos gêneros acadêmicos, mas como diz Hyland :

Enquanto pode parecer óbvio que escrita é interação, não é de maneira alguma evidente o que um texto, em particular, nos diz sobre essa interação ou sobre aquelas que dela participam. O que motiva as interações em escrita acadêmica? Que traços lingüísticos realizam essas interações? Quais estratégias estão envolvidas e que

princípios são aplicados? Quais as crenças e práticas disciplinares envolvidas na interação? (Hyland, 2000:02)¹ (minha tradução)

Há, ainda, que se considerar que a análise do uso de atenuadores assim como de outros marcadores interpessoais de avaliação, posicionamento e interação poderá variar em diferentes gêneros acadêmicos e, provavelmente, em diferentes culturas disciplinares (Hyland, 2000). E que o domínio de tais recursos é extremamente importante para o trânsito da produção acadêmica de pesquisadores que desejem ser aceitos no âmbito de sua área disciplinar. Assim, são extremamente pertinentes pesquisas que incrementem tais questões .

A pesquisa aqui proposta tem, pois, como objetivo contribuir para a compreensão do funcionamento desses recursos construtores de significados metadiscursivos ao analisar comparativamente os marcadores de atenuação e ênfase em artigos experimentais e em artigos teóricos da área de Linguística escritos em português brasileiro. Para tanto, articulo a descrição retórica do gênero artigo acadêmico proposta por Swales (1990, 2004) e a proposta de categorização dos marcadores do metadiscorso interpessoal apontada por Hyland (1996;2004).

Observando os Corpora

Em primeiro lugar, é importante sublinhar que os resultados apresentados neste trabalho fazem parte de uma pesquisa mais ampla iniciada no ano de 2004 que partiu da questão *sobre como os autores de artigos acadêmicos (escritos em português brasileiro) construíam seus posicionamentos frente à sua audiência*. Para tal investigação, constitui um corpus composto por 40 exemplares do gênero artigo acadêmico a partir das edições (entre 1999 e 2004) da revista D.E.L.T.A. organizadas no site [ht://www.scielo.br](http://www.scielo.br).

O primeiro olhar sobre o corpus logo revelou que havia diferenças retóricas entre os artigos cujos objetivos eram de investigação experimental e os artigos cujos objetivos estavam mais voltados para o debate teórico. Assim, a pergunta de pesquisa foi revestindo-se de novas e necessárias especificações a saber: há diferenças em como autores

¹ *While it might be obvious that writing is interaction, it is not at all evident just what a particular text tells us about that interaction or about those who participate in it. What motivates interactions in academic writing? What linguistic features realise these interactions? What strategies are involved and what principles are employed? What do these tell us about the beliefs and practices of the disciplines?*

de artigos experimentais e teóricos (Swales, 2004) da área de Lingüística constroem seus posicionamentos frente à sua audiência?

O primeiro passo para dar continuidade à investigação foi, então, analisar exemplar a exemplar, observando, a partir da caracterização proposta por Swales (2004), quais os artigos do corpus cujos objetivos eram experimentais ou teóricos. Este momento resultou na organização de dois novos corpora: o *corpus 1* formado por 10 artigos experimentais e o *corpus 2* composto por 10 artigos teóricos.

É importante sublinhar que chamei aqui de artigo experimental (AE), com base em Swales (2004), aqueles artigos que apresentaram como objetivo central a análise de dados de qualquer natureza e, portanto, apresentaram necessariamente a unidade retórica de Análise e Discussão dos Dados. Observemos, na figura abaixo, a explicitação desses objetivos a partir de trechos retirados da unidade retórica de Introdução de exemplares do corpus1.

Este artigo tem por objetivo problematizar as relações entre teoria e prática em dois momentos complementares: o primeiro, no âmbito da Lingüística Aplicada e sua relação com os professores; e o segundo, no âmbito da escola na relação entre a apropriação dos conhecimentos e a prática de sala de aula. Para isso, foram estudados artigos e livros de autoria de lingüistas aplicados do Brasil e do exterior, além de aulas de leitura e escrita, em língua materna e estrangeira, gravadas em áudio, no 1º e 2º graus da rede estadual de São Paulo e Campinas. (*Corpus 1 – Art. 1*).

Este trabalho trata da relação entre sintaxe e fonologia no que diz respeito a regras rítmicas. Nosso objetivo é mostrar que categorias sintáticas foneticamente não realizadas podem interferir na organização rítmica dos enunciados; mais precisamente, que um pronome foneticamente nulo (pro) pode impedir a retração de acento nos casos de encontro acentual entre verbo e advérbio. Por exemplo, em (1a) é possível que o encontro acentual seja desfeito movendo-se o primeiro dos dois acentos para a sílaba anterior, enquanto que em (1b) esse movimento de acento não é possível: 1,2

Este trabalho se organiza da seguinte maneira. Nas duas primeiras seções definimos o que entendemos por choque acentual dentro da proposta da fonologia prosódica por nós adotada e apresentamos alguns estudos em fonologia que discutem a influência de categorias sintáticas foneticamente vazias, detalhando o problema a ser discutido neste trabalho. A seção 3 trata da discussão sintática sobre as categorias vazias. Na seção 4 analisamos nossos dados, envolvendo categorias sintáticas vazias e aplicação de regras rítmicas. Finalmente, na seção 5 resumimos nossas observações e apontamos algumas questões que passam a merecer atenção, tanto por teorias fonológicas quanto por teorias sintáticas. (*Corpus 1 – Art. 2*).

FIGURA 1 - Trechos do *corpus 1* que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos Experimentais (AE).

Vejamos, agora, como se mostraram os 10 artigos experimentais analisados quanto à distribuição de suas unidades retóricas:

QUADRO 1
Unidades retóricas dos artigos experimentais do *corpus* 1

Artigo Experimental	Introdução	Revisão de Literatura	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AE1	X	X	-	X	X
AE2	X	X	-	X	X
AE3	X	X	-	X	X
AE4	X	X	X	X	X
AE5	X	-	X	X	X
AE6	X	X	X	X	X
AE7	X	-	-	X	X
AE8	X	X	X	X	X
AE9	X	-	-	X	X
AE10	X	X	X	X	X

Como é possível perceber por meio do QUADRO 1, todos os exemplares do *corpus* apresentaram unidades destacadas para análise de dados. Os artigos AE5, AE7 e AE9 não apresentaram uma unidade destacada para Revisão de Literatura, uma vez que os pressupostos teóricos estão ou na unidade de Introdução e/ou inseridos na unidade retórica de Resultados e Discussão dos Dados. Este fato, provavelmente, deve-se a dois fatores: (i) a unidade retórica Introdução de AE, segundo Swales (1990), tem como um de seus objetivos contextualizar o ambiente teórico do trabalho, delimitando, assim, um território de conhecimento a partir do qual os (as) autores(as) podem construir suas proposições e a partir do qual os(as) leitores(as) podem interpretá-las. Podemos perceber, então, que alguns autores preferem inserir a discussão teórica na seção de introdução dos artigos, não destacando uma seção específica para tal propósito; (ii) na unidade retórica Resultados e Discussão dos Dados, encontramos uma subunidade retórica, apontada por Silva (1999), cujo objetivo é *comparar as descobertas com a literatura já existente*, ou seja, estabelecer um diálogo comparativo com a produção teórica já estabelecida. Esta subunidade possibilita aos autores trazer à tona elementos da revisão de literatura que, provavelmente, já foram apontados na seção de introdução dos artigos.

Os artigos AE1, AE2, AE3, AE7 e AE9 não apresentaram tópico destacado para Metodologia, uma vez que informações metodológicas foram apresentadas na unidade retórica Introdução. Mais uma vez isso deve-se aos objetivos da seção de introdução dos

artigos acadêmicos que no movimento 3 (*ocupando o nicho*), descrito por Swales (1990;141) prevê a possibilidade que têm os autores de apresentar a pesquisa: o tema abordado (aqui já é possível fazer referência ao objeto de estudo); os objetivos da pesquisa, assim como o percurso realizado para cumprir tais objetivos. Assim, como podemos perceber, todos os AE apresentaram informações teóricas; metodológicas e resultados de análise, mas metade desses artigos apresentou uma variação na distribuição das informações das respectivas unidades retóricas, mostrando que há exemplares mais próximos e exemplares mais distantes do protótipo.

Em geral, podemos dizer que o artigo experimental parece caracterizar-se, principalmente, por: objetivar a análise e discussão de dados, constituídos para fins de investigação; por apresentar, necessariamente, a seção de Resultados e Discussão na organização retórica de seus exemplares; e por apresentar, também necessariamente, informações metodológicas que podem ou não vir em uma unidade retórica destacada. Vejamos, agora, a caracterização do corpus 2.

O corpus 2 aqui constituído foi aquele composto por artigos cujo objetivo central consistiu em realizar uma discussão, prioritariamente, teórica sem, necessariamente, recorrer à análise de dados. Isto pode ser mais facilmente percebido na FIGURA 2 através dos trechos retirados das Introduções de exemplares do corpus:

“O presente artigo pretende, dado o panorama acima exposto, retomar a reflexão sobre o tipo de texto como esquema cognitivo a partir dessa discussão recente sobre o assunto. O objetivo do artigo, desta forma, é esboçar um conceito psicolinguístico de tipo de texto a partir da contraposição das teorias recentes sobre o tema, principalmente com relação à questão esquema cognitivo de texto versus processo social de convencionalização.” (Corpus 2 – Art.12)

“Dentro dessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é propor uma possível interface entre a semântica e a lingüística textual a partir da relação entre dois de seus principais conceitos, respectivamente: a sinonímia, baseado no significado denotativo, e a referência, que define e é definida pelo significado textual. Serão feitas também considerações acerca da função expressiva da referência, normalmente vista a partir de sua função referencial no âmbito do texto. Uma análise sucinta de exemplos retirados de um texto servirá de ilustração para as questões a serem aqui tratadas.” (Corpus 2 – Art.11)

“Assim, o objetivo deste artigo é explorar as divergências entre duas teorias sócio-pragmáticas do discurso no tocante à indeterminação do significado. Para tal, na primeira parte do trabalho, contrapomos as pragmáticas (de Grice e de Searle) com a tradição sócio-interacional de análise do discurso (resultante dos trabalhos de Bateson e Goffman e representada pela obra de Gumperz). Na segunda parte, relacionamos tais oposições com o tratamento da indeterminação, no que diz respeito às divergências sobre as motivações e sobre o escopo do fenômeno.” (Corpus 2 – Art.16)

FIGURA 2 - Trechos do *corpus 2* que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos Teóricos (AT).

Com exceção do AT11 que apresenta um tópico destacado no qual o autor faz uma análise de um texto a título de exemplificação da discussão teórica, nos demais exemplares analisados não houve uma unidade de Análise e Discussão de Dados destacada. Não considerei o AT11 como artigo experimental porque o objetivo central do artigo não consistia na análise de dados, não havia *corpus* constituído. O texto analisado nesse artigo foi utilizado somente para exemplificar os elementos da discussão teórica proposta, não havendo, pois, um objetivo de investigação de dados propriamente ditos. Vejamos, então, a distribuição das unidades retóricas dos exemplares que compuseram o *corpus 2*:

QUADRO 2
Unidades retóricas dos artigos teóricos do *corpus 2*

Artigo Teórico	Introdução	Discussão Teórica	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AT11	X	X	-	X	X
AT12	X	X	-	-	X
AT13	X	X	-	-	X
AT14	X	X	-	-	X
AT15	X	X	-	-	X
AT16	X	X	-	-	X
AT17	X	X	-	-	X
AT18	X	X	-	-	X
AT19	X	X	-	-	X
AT20	X	X	-	-	X

É importante salientar, ainda, que a unidade retórica, geralmente, identificada como Revisão de Literatura, na verdade cumpriu objetivos distintos nos exemplares do *corpus 2* aqui analisados, uma vez que, em alguns exemplares, discutiu-se a adequação de conceitos; em outros, controvérsias entre campos teóricos, ou, ainda, o repensar de determinadas concepções teóricas. Por este motivo, substituí a expressão *Revisão de Literatura* por *Discussão Teórica*. Parece, pois que esta variação está intimamente ligada aos objetivos dos artigos teóricos, como pode ser percebido na FIGURA 2.

Vale ressaltar, ainda, que em dois dos exemplares (AT13 e AT19), os autores valeram-se de exemplos para ilustrar a discussão teórica, sem, no entanto, destacá-los em uma unidade retórica dirigida somente à análise. Os exemplos são discutidos à medida que

a discussão teórica se desenrola. Outra observação relevante diz respeito ao fato de que tais exemplos não constituem um *corpus* de análise, tratam-se de exemplos avulsos.

Observando os quadros 1 e 2, podemos perceber alguns indicadores:

- O artigo experimental parece caracterizar-se, principalmente, por: objetivar a análise e discussão de dados, constituídos para fins de investigação; por apresentar, necessariamente, a seção de Resultados e Discussão na organização retórica de seus exemplares; e por apresentar, também necessariamente, informações metodológicas que podem ou não vir em uma unidade retórica destacada.
- Os artigos teóricos, diferentemente dos artigos experimentais, não apresentam as unidades retóricas de Metodologia e Resultados e Discussão dos Dados, uma vez que não se propõem à investigação de um corpus de análise.

É certo que tais afirmações são hipóteses lançadas a partir de um número de exemplares ainda restrito e carecem de uma observação a partir de uma amostragem mais ampla. No entanto, este não é o objetivo desta pesquisa.

Foi neste momento da análise que a pesquisa deparou-se com a seguinte questão: se parece haver diferentes propósitos e uma diferente organização retórica entre artigos experimentais e teóricos, a forma como autores constroem recursos metadiscursivos de posicionamento e interação também é ou não distinta nestes artigos? Assim, para tentar responder a esta questão, passei ao mapeamento dos marcadores metadiscursivos de atenuação e ênfase nos *corpora* 1 e 2.

Este momento da análise requisitou uma nova decisão metodológica a saber: quais os elementos léxico-gramaticais que de forma mais relevante construíam os significados de atenuação e ênfase nos corpora? Optei por desenvolver a análise a partir do levantamento dos advérbios simples utilizados pelos autores para construir estes significados. Os corpora foram, então, submetidos ao ambiente do programa *WordSmith Tools* no qual a partir da ferramenta chamada *WordList* pude realizar um levantamento quantitativo de todas as palavras de cada um dos corpora e da incidência percentual destas palavras e, portanto, pude levantar a lista de todos os advérbios encontrados nos corpora. O passo seguinte foi verificar, caso a caso, quais desses advérbios realizavam os significados metadiscursivos de atenuação e ênfase. Para este momento de análise dispus da ferramenta *Concord* a partir da qual podemos visualizar todas as ocorrências nos respectivos co-textos

de realização. Uma vez identificado o advérbio como marcador metadiscursivo, inseri no corpo do texto ao lado do item analisado as etiquetas <MA> para marcador de atenuação e <ME> para marcador de ênfase como podemos ver nos exemplos abaixo:

Ex. 1:

Proponho, portanto, uma mirada um pouco mais de perto na sugestão do grande mestre (adepto, talvez <MA> o único em nosso País, da fonologia do Círculo Lingüístico de Praga - Leite 1990:35) de que a oposição fonológica fundamental entre as consoantes no sistema fonológico do Português seja entre obstruintes e soantes, e de suas possíveis conseqüências. (corpus 1 –Art.3)

Ex.2:

Assim, desta perspectiva não se entende a língua enquanto código (códigos são explícitos) mas enquanto estrutura verbal simbólica, cujas marcas formais ganham sentido ao se realizarem em processos discursivos, historicamente determinados, e determinantes na constituição do sujeito. Portanto, como já disse, operar-se com a noção de formação discursiva certamente <ME> possibilitará superar a mera descrição de realizações lingüísticas e levará a formular hipóteses explicativas sobre jogos de implícitos e efeitos de sentido no processo de produção em L2, entendido como processo de inscrição do sujeito de enunciação em discursividades da língua alvo. (Corpus 2- Art.20)

Terminado o etiquetamento, realizei, novamente por meio da ferramenta *WordList*, o levantamento das etiquetas <MA> e <ME> para saber qual o total de marcadores de ênfase e de atenuação que foram utilizados em cada um dos corpora. A tabela abaixo revela os resultados encontrados:

TABELA 1
Quadro comparativo dos marcadores de ênfase e atenuação (Hyland, 2000)
presentes nos *corpora* 1 e 2

Marcadores metadiscursivos	Corpus1– 10 artigos experimentais	Corpus 2- 10 artigos teóricos	Principais advérbios que realizaram os marcadores
Marcadores de atenuação (MA)	47	18	Talvez, provavelmente, possivelmente, supostamente, aparentemente.
Marcadores de ênfase (ME)	44	50	Certamente, claramente, realmente, evidentemente, obviamente, absolutamente, exatamente.

Os resultados acima apresentados representam o total de marcadores distribuídos em todos os exemplares dos corpora 1 e 2. Chama a atenção, primeiramente, o fato de que o número de marcadores de atenuação é bastante superior no corpus de artigos experimentais do que no corpus de artigos teóricos. Penso que este fato está intimamente relacionado aos objetivos que norteiam a construção dos artigos experimentais. Ou seja, uma vez que esses artigos prestam-se à apresentação de resultados de uma investigação, na maioria das vezes, nova para a comunidade disciplinar, os pesquisadores-autores têm uma

forte preocupação em ganhar a adesão de seus pares nesta comunidade. A análise do corpus 1, mostrou dois principais motivos pelos quais os autores de artigos experimentais usaram atenuadores : (i) apresentar os resultados de pesquisa como parciais; resultantes da construção de hipóteses plausíveis, mais do que da constatação da realidade e (ii) manter o diálogo aberto com os pares da comunidade disciplinar, buscando minimizar o risco de rejeição por parte desses pares, uma vez que o artigo experimental apresenta conhecimento novo a ser avaliado e aceito por esses pares.

Assim, os autores usam esses marcadores para atenuar o grau de exatidão/asseveração de suas proposições e ao fazerem isso, apresentam-se mais explicitamente como fonte de suas proposições e, portanto, como mais responsáveis por elas. Por outro lado, esta atenuação do conteúdo proposicional também localiza a autoria em um lugar de diálogo aberto com sua audiência, posto que ao atenuar o grau de certeza de suas proposições, os pesquisadores-autores posicionam-se em um terreno favorável à polêmica e necessitam construir, pois, margens para negociação.

Se, por um lado, os marcadores de atenuação explicitam maior grau de agentividade e cooperação, por outro lado, diminuem o grau de verificação das proposições ao lançarem o conteúdo proposicional como algo resultante de probabilidades/possibilidades advindas da interpretação da autoria, o que indica também que o uso desse recurso pode expressar a visão que o autor tem sobre o *status* do conhecimento científico como uma construção, uma leitura da autoria e não como uma mera constatação de achados.

É importante sublinhar que os marcadores de atenuação no corpus de artigos teóricos (corpus 2) foram utilizados, principalmente, quando os autores realizaram algum comentário sobre as teorias de outros autores. Isto claramente demonstra, como aponta Myers (1999), uma preocupação em manter bom relacionamento com os pares da área disciplinar, construindo uma posição de respeito frente a esses pares. Vale salientar que essa posição de respeito se estende, na verdade, ao conjunto da produção científica da área disciplinar, ou seja, ao conjunto do conhecimento já construído e aceito por esta comunidade.

Como podemos perceber, autores de artigos experimentais não só usam mais marcadores de atenuação do que autores de artigos teóricos, como também o fazem por motivos distintos.

Quanto ao uso dos marcadores de ênfase, percebemos um relativo equilíbrio entre artigos experimentais e teóricos, embora seja importante sublinhar que estes marcadores foram utilizados em maior quantidade por autores de artigos teóricos.

Ao observarmos as ocorrências dos marcadores de ênfase em artigos experimentais, percebemos que tais marcadores foram utilizados para:

- construir o conteúdo proposicional como conhecimento partilhado e, portanto, já aceito pela comunidade disciplinar. Desta feita, mesmo que o leitor seja um membro iniciante nesta comunidade e, portanto, não compartilhe a informação apresentada, ele a tomará como conteúdo já consolidado pelos membros experientes da comunidade e, portanto, como conteúdo a ser assimilado e aceito e, como resultado disto, dificilmente estabelecerá polêmica com o autor acerca do conteúdo proposicional. Na verdade, aqui, o leitor é convidado a corroborar este conteúdo que é apresentado como já aceito pela comunidade disciplinar. Podemos perceber este objetivo no exemplo que segue: “O gênero em construção é *claramente* <ME> aquele que Bakhtin (1979) designa como gêneros (primários) cotidianos e familiares. [...]” (Corpus 1 – Art. 10)

São utilizados, ainda, para:

- Demonstrar convicção e compromisso em relação ao conteúdo proposicional. Para tanto, os autores constroem o conteúdo proposicional como resultado natural dos fatos (*naturalmente*); como resultado de uma evidência (*evidentemente*), como resultado de argumentos plausíveis e lógicos (*obviamente*). A título de ilustração: “A tradução interlingual se processa entre dois complexos língua/cultura e a efetiva condução do ato tradutório envolve, *evidentemente*, <ME> não apenas o léxico e a sintaxe, mas a totalidade do texto, texto esse que incorpora em si uma determinada concepção da realidade e, para além do texto, as culturas, ideologias e realidades psico-sociais lato sensu.” (Corpus 1- Art.8)

De uma forma geral, podemos dizer que autores de artigos experimentais utilizam marcadores de ênfase, predominantemente, para imprimir um alto grau de verificação/confiabilidade (Hyland, 2004) ao conteúdo proposicional, assim como para

emprestar objetividade ao texto, ocultando, na maioria das vezes, a responsabilidade da autoria sobre o conteúdo proposicional.

Quanto ao grau de cooperação, também percebi uma maior tendência à construção das proposições de tal forma que se torne mais difícil para o leitor questioná-la e, principalmente, refutá-la. É notório, no entanto, que na maioria dos casos, os autores escolhem determinados recursos metadiscursivos com vistas a angariar aceitação de seus pares na comunidade disciplinar. Assim, mesmo quando utilizam recursos que deixam pouca margem para negociação, o fazem porque consideram que a audiência irá aceitar, irá reconhecer a veracidade do dito.

Passemos, agora, aos marcadores de ênfase em exemplares de artigos teóricos. Em primeiro lugar é importante sublinhar que foi considerável o número de marcadores de ênfase utilizados para apresentar o posicionamento de autores citados. Como em “A crítica Wittgensteiniana consiste *justamente* <ME> em elevar este aspecto a nível primário.” (Corpus 2 – Art.18).

É interessante perceber que esses marcadores constroem, por um lado, um valor asseverativo para a proposição e, ao mesmo tempo, agregado a esse significado asseverativo, constroem um valor focalizador. Assim temos :

Justamente/ Exatamente	}	significado asseverativo – é certo que; é confiável que...
		significado focalizador - é X e não outra coisa diferente de X

Ao construir tais significações, os autores optam por proposições com alto valor de verificação/confiabilidade e, por isso mesmo, com pouco espaço para negociar divergências.

Outra importante ocorrência de marcadores de ênfase em exemplares de artigos teóricos está associada ao uso de advérbios asseverativos afirmativos (Neves, 2000) que apresentam o conteúdo proposicional como uma evidência. Desta feita, há uma tentativa por parte dos autores em angariar a confiabilidade dos leitores e minimizar uma possível tensão polêmica. É interessante, ainda, notar que foram muitos os casos nos quais este

sentido é fortemente intensificado pelo uso temático que os autores fazem desses marcadores. Este uso temático conduz o leitor a antes mesmo de apropriar-se do conteúdo proposicional, já tomá-lo como resultado de uma evidência e, portanto, como confiável. É o que podemos perceber no exemplo: “*Evidentemente*, <ME> é uma concepção tradicional do ritmo (que o iguala a metro) que possibilita ao autor estabelecer esse tipo de distinção.” (Corpus 2 – Art. 14).

Tecendo Considerações Finais

Voltemos agora à pergunta que fizemos anteriormente: *se parece haver diferentes propósitos e uma diferente organização retórica entre artigos experimentais e teóricos, a forma como autores constroem recursos metadiscursivos de posicionamento e interação também é ou não distinta nestes artigos?* Após a análise dos marcadores metadiscursivos de atenuação e de ênfase utilizados nos corpora, sugerimos que a resposta é sim: autores de artigos experimentais e de artigos teóricos constroem diferentes significados metadiscursivos de posicionamento e interação com seus pares na comunidade disciplinar e o fazem por conta dos distintos objetivos que norteiam a construção desses artigos.

Primeiramente porque autores de artigos experimentais atenuam muito mais suas proposições do que autores de artigos teóricos, uma vez que, objetivando apresentar resultados de uma pesquisa, necessitam construir argumentos plausíveis em torno de análises e hipóteses para as quais é necessário constituir um espaço de aceitação frente à comunidade disciplinar. Por outro lado, autores de artigos teóricos utilizam em menor escala tais atenuadores e o fazem, principalmente, para estabelecer uma relação de respeito ao apresentarem e comentarem as teorias de outros autores que são citados no texto. Isto ocorre uma vez que esses artigos têm como objetivo central dialogar com diferentes autores em seus respectivos campos teóricos. Assim, é possível perceber que o diferente uso de marcadores metadiscursivos de atenuação parece estar estreitamente ligado aos objetivos que norteiam a construção de artigos experimentais e teóricos.

Isto também nos indica que nos artigos experimentais, os autores se responsabilizam mais pelo conteúdo proposicional do que nos artigos teóricos, posto que os marcadores de atenuação, geralmente, apontam para a agentividade por trás da proposição, ou seja, para a fonte responsável pelo dito.

Em segundo lugar, é fundamental salientar que os autores de artigos teóricos utilizaram muito mais marcadores de ênfase do que marcadores de atenuação, enquanto nos artigos experimentais o uso desses marcadores foi bastante equilibrado. Isto parece sugerir que em artigos teóricos o diálogo é menos aberto à polêmica do que em artigos experimentais uma vez que os marcadores de ênfase cumprem o papel de, ao construírem o conteúdo proposicional como dado e já aceito pela comunidade disciplinar, convidarem o leitor a aceitá-lo.

É importante mostrar, ainda, que se considerarmos a soma dos marcadores metadiscursivos de atenuação e ênfase, verificaremos que os autores de artigos experimentais usaram muito mais metadiscorso (95 marcadores) que os autores de artigos teóricos (68 marcadores). Isto parece demonstrar que ao construírem exemplares de artigos experimentais, os autores da área de Linguística estão mais preocupados em estabelecer diálogo e angariar adesão da audiência do que quando constroem artigos com objetivos puramente teóricos.

Por fim, é fundamental sublinhar que, de um modo geral, o uso desses marcadores é efetivado em pontos dos textos nos quais os autores não se sentem à vontade para construir declarativas não modalizadas que se impõem como verdades inegociáveis. Como diz McCabe (2004), o uso de qualquer marcador de modalidade coloca o conteúdo da proposição como objeto de negociação entre escritor e leitor ao passo que o uso de declarativas não modalizadas simula uma relação consensual entre os mesmos.

Assim, o uso desses marcadores metadiscursivos, em maior ou menor grau, abre as proposições a interpretações variadas, sugerindo, pois o diálogo entre autores e sua audiência e pondo em questão a responsabilidade sobre as proposições.

REFERÊNCIAS

BALLOCO, A. E. Identity academic discourse: constructing an insider's ethos in prose about literature. *Trab. Ling. Aplic.* Campinas, n. 40, 2002. P. 17-28.

CROMPTON, P. Hedging in academic writing: some theoretical problems. *English for Specific Purpose*, vol. 16, n. 04, 1997. P. 271-287.

FIGUEIREDO-SILVA, M. I. R. de. *Teaching academic reading: some initial findings from a session on hedging*. Texto apresentado para conferência no Departamento de Linguística Aplicada e Teórica da Universidade de Edinburgh. 2001.

HYLAND, K. Writing without conviction? Hedging in science research articles. *Applied Linguistics*, V. 17, n° 4, 1996

_____. Boosting, hedging and negotiation of academic knowledge. *Text*, 18(3).. 1998. P.349-382

_____. *Disciplinary discourse: social interactions in academic writing*. Singapura: Pearson Edacation Limited, 2000.

_____. Options of identity in academic writing. *ELT Journal*. V. 56/4. Oxford University Press. October, 2002.

HYLAND, K.; TSE, P. Metadiscourse in academic writing : a reappraisal. *Applied Linguistics*. V. 25. Nº 2. junho,2004.

McCABE, A. Mood and modality in Spanish and English history textbooks: the construction of authority. *Text*. 24(1), 2004. P. 1-29.

MYERS, G. The pragmatics of politeness in scientific articles. *Applied Linguistics*, v.10, n.1, 1999. P.1-33.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: University Press, 1990.

_____. *Research genres: explorations and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VARTALLA, T. Remarks on the communicative functions of hedging in popular scientific and specialist research articles on medicine. *English for Especific Purpose*, v. 18, n. 2., 1999. P.177-200.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. *Text*, v. 23, n. 2., 2003. P. 259-284.